

A ESCRITA DE SI, A ESCRITA DE NÓS. REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA E IDENTIDADE ÉTNICA A PARTIR DA ESCRIVIVÊNCIA

ISIS ASSIS CHABI¹

CLAUDIA DE FARIA BARBOSA²

MARIA DE FÁTIMA ARAÚJO DI GREGÓRIO³

Resumo

Este texto é um exercício de escrita pensado a partir da escrevivência e tem como objetivo refletir sobre de que maneira a memória e a identidade étnica são acionadas e manipuladas a partir do contexto experimentado, diante das narrativas encontradas no desenvolvimento de uma pesquisa sobre as identidades étnicas de mulheres vassouzeiras nas suas famílias e no trabalho. Por isso a enunciação da voz subjetiva de uma das autoras e seu lugar social, racial e de gênero – mulher negra – permeia a escrita que se formata em memória narrada e trajetória individual, mas que reconhece a coletividade, a conjuntura dos espaços sociais e o contexto de cada ação. A metodologia tem como base a abordagem autobiográfica, realizada por meio da revisão teórica sobre escrevivência, memória e identidade étnica, nos processos vivenciados durante a construção da dissertação.

PALAVRAS-CHAVE: Escrevivência. Memória. Identidade Étnica

INTRODUÇÃO

“A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”

(Conceição Evaristo)

Este texto é uma narrativa tecida a partir da escrevivência, nasce da experiência vivida e compartilhada, que emerge diante dos questionamentos, dúvidas, lágrimas, dores e alegrias vivenciados durante a construção da pesquisa de mestrado “Mulheres vassouzeiras do km 4 em Jequié, BA: Identidades étnicas entre a família e o mundo do trabalho” que está sendo desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidades (PPGREC/UESB).

O exercício diário da escrita normalmente é permeado de desafios, angústias e medos, mas é intensificado, sobretudo, quando esse exercício ao tratar de outras histórias, fala de si e de nós, em um processo que se soma a responsabilidade e ao anseio de respeitar e honrar às histórias experimentadas e narradas.

Entender quem sou e de onde venho tem sido um aspecto fundamental na construção da escrita. A experiência de escrever uma dissertação contando a história de mulheres que produzem vassouras artesanais de palha no bairro do km 4, na comunidade conhecida como Rua da palha, me trouxe de volta a mim.

Eu sou moradora do bairro, nasci e fui criada circulando entre às ruas e às histórias que constituem o meu lugar, sou mulher, negra, filha, neta, vizinha, pedagoga, sobrinha, professora, estudante, amiga, eu sou parte de tudo. Eu pude escolher desde pequena estudar, viajar, seguir estudando, investir em livros, não trabalhar, eu escolhi ainda não casar e ter filhos, continuar estudando e estar em um curso de pós graduação *stricto sensu*.

Essa escrita é a busca da criação de uma nova perspectiva, de um novo dialogo a respeito de mim e de nós. Por isso me atrevo a escrever¹, não com o objetivo de transmitir alguma espécie de realidade do que foi vivido, mas de tencionar o que encontrei no caminho e o que me atravessa nessa experiência.

Na construção estratégica desta discussão segue-se os pressupostos da pesquisa qualitativa que, de acordo com Minayo (2013, p. 22), “corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Aliada aos dados qualitativos inclui-se a abordagem autobiográfica que se configura como uma estratégia para expor narrativas que partem das histórias de vida das sujeitas envolvidas. A perspectiva autobiográfica me permite, enquanto pesquisadora, experimentar a retomada de diferentes sensações e percepções construídas ao longo de toda vida.

Nas palavras de Ranghetti (2004, p. 4), “ao registrar a própria história vivida, o autor ocupa o papel de espectador. Distancia-se do que mostra, estranha-se e, com o estranhamento, começa a compreender o processo vivido, os movimentos, e as afecções sentidas”. Neste sentido, aqui não pretendo estabelecer generalizações estatísticas, mas, compreender o fenômeno em estudo, tomando como base um olhar resignificado pelos caminhos percorridos no processo de construção da pesquisa.

Nessa perspectiva, o presente ensaio está organizado em três seções, além desta introdução e algumas considerações ao final. Na primeira, é abordado sobre a escrevivência e a dinâmica da associação do percurso da investigação associado às reminiscências; na segunda contextualiza a memória em uma discussão com teóricos que fazem tal reflexão e, na terceira, trabalha-se a

¹ Vem da palavra escrevivência, conceito criado por Conceição Evaristo (2018).

identidade étnica relacionada às construções identitárias das sujeitas da pesquisa em curso.

ESCREVIVÊNCIA E ASSOCIAÇÃO ÀS REMINISCÊNCIAS

A escrevivência é essa experiência de narrar histórias, aquelas histórias que atravessaram minha vivência de estudante de mestrado, como fragmentos da memória que con(fundem) minha escrita e a própria vida. A experiência de ouvir, contar e analisar histórias que atravessam as minhas vivências tem me feito sangrar. Conceição Evaristo (2016) em seu conto “a gente combinamos de não morrer” explica que escrever é uma maneira de sangrar. Ela nos conta que,

Quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um “corpo-mulher-negra” em vivência” e que por ser esse “meu corpo, e não outro” vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta (EVARISTO, 2009, p. 18).

No exercício diário da pesquisa, por vezes, a escuta e escrita se confundem com a vida e diante desse sangrar e dessa confusão, a escrevivência se apresenta como um recurso metodológico de entendimento e como um lugar de acolhimento. Uma escrita que postula a necessidade de que seja compartilhada pelo corpo que vivencia e que exprime as escrevivências.

Um processo em que, entre a invenção e o acontecimento, estabelece a possibilidade de criar histórias nas quais cada uma das individualidades mencionadas compõe uma coletividade, é um tecer constate de diversos retalhos, sobre si e sobre os outros, sobre nós.

Escrever significa, nesse sentido, contar histórias absolutamente particulares, mas que remetem a outras experiências coletivizadas, uma vez que se compreende existir um comum constituinte entre autor/a e protagonista, quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que de posições distintas (MACHADO; SOARES, 2017, p. 206).

Por esse motivo, a escolha da escrevivência enquanto caminho e recurso metodológico nessa escrita serve como suporte para falar dessas experiências que são narradas pelas mulheres vassouzeiras do km 4.

É como se cada uma delas fosse um pedaço de tecido de uma colcha de retalho colorida e diferente, mas ao mesmo tempo toda essa diversidade se encaixa ao final transformando-se em uma bela colcha de retalhos, de análises

sobre o mundo, que se forma a partir dos saberes e da experiência compartilhadas por cada uma e tecidas coletivamente.

MEMÓRIA

A memória revela-se como parte fundamental na construção das identidades dos sujeitos, constitui-se como elo imprescindível entre passado e futuro, reconstrói experiências coletivas ou simplesmente relembra momentos individuais. Na tomada de consciência sobre a escolha do tema da pesquisa sobre as mulheres vassoureiras do km 4, a memória apresentou-se como elo fundamental e decisivo, foi ao recordar as experiências vivenciadas na infância que essa temática tomou corpus.

Uma memória familiar da infância me levou ao encontro de minha avó materna e de sua facilidade em produzir suas próprias vassouras de palha, que eram utilizadas em todas as tarefas do cotidiano. A partir dessa memória várias outras permearam meu pensamento e a imagem de diversas mulheres me veio como uma espécie de cena gravada, na qual um ritual orquestrado pela tradição oral, de produzir vassouras de palha, e produzido cotidianamente acontecia e ainda atualmente é reproduzido por outras mulheres.

Diante disso diversas inquietações a respeito das histórias de vida dessas mulheres foram surgindo. Nesse sentido, analisar suas relações familiares e de trabalho tomaram o meu interesse para entender como as identidades étnicas se formam e transformam nas dinâmicas vivenciadas por cada uma delas nesses contextos ainda nos dias atuais.

Assim, a memória enquanto fenômeno atemporal, ao mesmo tempo em que nos permite a reconstrução dessas experiências celebradas no passado, consente o resgate daquilo que foi desprezado, esquecido ou até mesmo silenciado pelas antigas gerações. Os modos de seleção do que é guardado pela memória e do que é esquecido são definidos pelos desígnios sociais que atravessam os momentos históricos de cada sociedade.

A memória individual, neste sentido, é a capacidade dos sujeitos manterem lembranças de suas vivências e retomá-las sempre que for necessário. Portanto, ela constitui-se como uma partícula do “eu” que, na memória coletiva traz consigo lembranças, subjetividades de detalhes do que foi vivido, na história pessoal e

experiência individual do sujeito. “A lembrança é a sobrevivência do passado” (Bosi, 1979. p.15). É por meio dela que fatos pretéritos são recontados e perpetuados.

Percebendo, no decorrer dessa construção que o resgate da memória é essencial para que se preserve a identidade e a cultura, tanto do sujeito isoladamente considerado, quanto do grupo social. Para Halbwachs (1990), a memória é essencialmente coletiva, ou seja, para ele não existem memórias individuais, pois estas sofrem influências diretas do todo que constitui e rodeia o individual.

[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 1990, p. 26).

Para o autor, lembrar se dá sempre no social, mesmo a memória aparentemente mais particular e a experiência vivida está ligada à memória de um grupo. Cada um carrega as suas lembranças, mas não se está somente neste ato de lembrar, ao contrário, interage o tempo todo com seus grupos, comunidade e sociedade.

É na interação que a memória pessoal do sujeito é também constituída pelas memórias daqueles que o cercam, no entanto, relembrar não é um fenômeno fácil, conforme Bossi (1979), “a memória não é sonho, é trabalho”. Ou seja, trabalho no sentido de reviver, refazer e reconstruir com imagens e ideias atuais as experiências do passado.

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos do convívio e os grupos de referências peculiares a esse indivíduo. [...]. A menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória (BOSI, 1979. p.17).

Essa dependência da interação gera um ciclo que permite ao longo do tempo perpetuar valores, ritos, crenças, conhecimentos e saberes que vão caracterizar cada grupo étnico e social. Assim, o caráter transgeracional da memória apresenta-se como fator fundamental para sua continuidade, pois faz com que de geração em geração, por meio de acontecimentos da vida cotidiana, ao longo dos séculos os valores, tradições e concepções de mundo sejam transmitidos.

Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem frígida. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação (BOSI, 1979, p.31).

As memórias e lembranças não se apresentam de maneira isolada, dissociadas do mundo e dos valores e concepções que as constituem culturalmente.

A memória coletiva, portanto, diz muito sobre a cultura e como se vive em grupo em determinados contextos. Com base nas lembranças e semelhanças em um certo período, perpassa pela experiência de vários sujeitos para se tornar coletiva, por intermédio das vivências, percepções e dos hábitos que se transformam dialogicamente em atos da cultura. Embora a memória seja dependente de uma experiência passada, é no tempo presente que ela se processa e exerce seu papel na transformação social.

IDENTIDADE ÉTNICA

Diante da experiência analisada entende-se que a recordação do passado é fator essencial na construção das identidades. A experiência do que é vivido afeta cada sujeito de maneira particular e diversa. O conjunto das memórias de cada um age diretamente no que se denomina personalidade ou forma de ser.

A priori, a memória é percebida como algo particular do sujeito, um fenômeno individual e íntimo, contudo, essa experiência é construída a partir das vivências na coletividade, permeada por sentidos que nascem e se constituem por meio da cultura. Neste sentido, os humanos são seres formados na cultura, na qual se aprende a significar as experiências, pois ela é sempre produzida, experimentada, significada e ressignificada a partir das vivências e valores individuais e coletivos.

Para Halbwachs (1990), a cultura é o fluido transmitido pela memória, em uma linha do tempo que sobrevive de geração para geração em tempos e espaços que parecem muitos, mas podem ser apenas um. Esses valores, produzidos e reproduzidos pela memória, tornam-se tradições e são assimilados pela cultura, tornando-se valores culturais. Isso reflete nas identidades de grupos e comunidades e afeta o processo de constituição identitária individual de seus membros.

Desta maneira, somos individuais envolvidos na cultura, como um fluxo em um

campo de variação contínua que age sobre os sujeitos e esses sobre ela. Resulta assim, em diferentes processos de lembranças, silenciamentos e apagamentos na constituição da identidade de cada sujeito. Neste sentido a identidade, entendida como um sistema de representações fluido e em constante transformação, apresenta-se enquanto um fenômeno cultural complexo e dinâmico que se constitui nas vivências.

Conforme Hall (2014), ao mesmo tempo que se projeta a si mesmo, internaliza significados, valores e concepções estabelecidos culturalmente, torna-se parte do sujeito em uma relação dialógica que estabiliza nos modos culturais que habitam. De tal modo, no processo de constituição identitária o sujeito utiliza de valores, ferramentas intelectuais e recursos que são fornecidos pelas gerações anteriores, através da memória, para viver o presente.

A identidade constrói-se em situações específicas por meio de representações culturais, pois é entendida como um “modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações, quanto a concepção que temos de nós mesmos” (HALL, 2014, p. 50). Ou seja, as identidades culturais provêm de alguma parte e, portanto, possuem histórias e memórias, e sofrem constantes modificações.

A identidade cultural é, portanto, formada a partir de conexões entre padrões culturais que demandam ser correspondidos e as interações dos sujeitos com seus contextos, e está intrinsecamente atrelado a sua estrutura social que reflete em suas identificações. A identidade corresponde também às expectativas de seu grupo seguindo a uma normalidade preestabelecida.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas (HALL, 2014, p. 108).

Nesta perspectiva, a identidade é culturalmente formada, por posicionamentos e não por essência, portanto, é resultado de um conjunto complexo de atuações e identificações.

Identidade étnica implica cultura. Cultura faz parte da identidade étnica de um grupo, e tal identidade transcende os aspectos culturais deste, porque é influenciado por aspectos que estão fora da dimensão do grupo. Cultura vem a ser o aspecto de um grupo que permite que seus integrantes se sintam unidos entre si. (Luvizzoto, 2009, p.32)

Ou seja, as identidades são constituídas em meio a uma variedade de esforços e processos, sociais e culturais, que influenciam e moldam diretamente a depender de interesses ideológicos dominantes.

Pensar as identidades étnicas em um sentido amplo e dialético demanda a compreensão desta como um eixo em constante construção e transformação, que possui alguns elementos como base constitutiva. Sendo assim, deve ser analisada como algo em movimento, que se estrutura e se modifica com as relações culturais, possuindo um sentido dialético, bem como os sujeitos que ela define, trata-se, então, de uma estrutura em movimento que sempre se constrói e se modifica nas relações.

É no contexto da cultura e história que as identidades étnicas vão se definindo por intermédio do diálogo no e com o mundo em que são formadas. Conforme Poutignat e Streiff-Fenart (2011, p. 124) “a etnicidade não se manifesta nas condições de isolamento”, é por meio das diferenças culturais e do contato com o outro que ela se evidencia.

Esse exercício de manipulação da memória, através das celebrações ou dos esquecimentos, faz parte do movimento de constituição das identidades étnicas e revela como os lugares de silêncios e/ou valorização das experiências coletivas e individuais retidas na memória sofrem influências diretas do que foi estabelecido culturalmente pelas experiências coletivas e sociais.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O processo de constituição das identidades étnicas sofre diversos impactos culturais e sociais. Realizar o exercício de retomada das memórias com base na escrevivência contribui para entender os diferentes contextos nos quais as reminiscências se alinham às experiências vivenciadas na construção da escrita. Desse entrelaçamento de sensações e experiências surgem novos sentidos que produzem novos discursos.

Identidade e memória para a mulher negra, na perspectiva da Escrevivência, são apresentadas como um processo de remendo, de negociações e enfrentamentos. A conjuntura que se acessa a memória, na construção identitária das pessoas, é mediada pelas lembranças e das ligações entre passado e presente por meio das memórias individuais e grupais que se encontram no interior das famílias o lócus para dar significados a tais reminiscências.

Portanto, os acontecimentos celebrados ou silenciados pela memória agem diretamente nesse processo e são diretamente refletidos nas identidades de maneiras objetivas e subjetivas. A evocação daquilo que merece ser lembrado ou esquecido através, da construção de memórias, varia conforme o tempo e o lugar e diz respeito as escolhas individuais e coletivas, bem como aos interesses sociais e as relações de poder estabelecidos por grupos diversos.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Tao, 1979.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: Uma poética de nossa afro brasilidade**. Scripta, 13(25), 17-31, 2009. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365> Acesso em out. 2022
- EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 4.a ed. Rio de Janeiro, Malê, 2018.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro. Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990. Ed. orig. Paris: PUF, 1950 (póstuma).
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- LUVIZZOTO, CAROLINE KRAUSS. **Cultura Gaúcha e separatismo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2013.
- POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-Fenart, Jocelyne. **Teorias das Etnicidade**: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth; tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- RANGHETTI, Diva Spezia. **A pesquisa autobiográfica como espaço de reflexão e ressignificação da ação docente**. Revista Eletrônica de Ciências da educação. V.3, n.1, 2004. Disponível em: <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/reped/article/view/500> Acesso em jun. 2022.
- SOARES, Lisandra Vieira. MACHADO, Paula Sandrine. **"Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social**. *Rev. psicol. polít.* [online]. 2017, vol.17, n.39, pp. 203-219. ISSN 1519-549X.